

VI SEMINÁRIO DE TRADUÇÃO CIENTÍFICA E TÉCNICA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ÂNGELA RODRIGUES

Tradutora

Nos dias 10 e 11 de Novembro de 2003, decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, a 6.ª edição do Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa, organizado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e a União Latina. O tema deste ano foi «A Profissionalização do Tradutor.»

Os laureados com o Prémio de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa, cujo objectivo é promover a língua portuguesa como língua de comunicação nos campos científico e técnico, foram, *ex aequo*, Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Sylla, Vítor Moura e João Constâncio, pela tradução da obra de Martin Heidegger, *Caminhos de Floresta*, e J. R. Guedes de Carvalho, pela versão de *Mecânica dos Fluidos*, de B. S. Massey. As Menções Honrosas couberam a: Maria José Miranda e Maria João Afonso pela tradução de *Evolução da Psicologia Diferencial*, de Maurice Reuchlin; José Nunes de Almeida, pela versão do *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*, da American Psychiatric Association; e Paulo Ivo Teixeira, pela tradução de *O Universo numa Casca de Noz*, de Stephen Hawking.

Deste seminário, onde se falou da profissão, formação e das ligações entre as mesmas, destacaria alguns momentos. Do ponto de vista da formação, Roberto Mayoral Asensio, da Universidade de Granada, a dizer que o processo de Bolonha requer uma formação vocacionada para a auto-aprendizagem e para a adequação dos currículos ao perfil dos estudantes. Martin Forstner, da CIUTI – *Conférence Internationale d'Instituts Universitaires de Traducteurs et Interprètes*, a recordar que o apelo do Espaço Europeu do Ensino Superior à qualidade envolve uma interacção maior entre o consumidor (governos, ministérios, estudantes e empregadores) e o produtor (académicos e a relação entre ensino e investigação) e que ambos estes factores devem ser contemplados, tanto na criação dos cursos de tradução que, recorda, são «Estudos de Tradução "aplicados"», como na sua acreditação. Hannelore Lee-Jahnke, da *Fédération Internationale des Traducteurs*, a referir a necessidade de um diálogo constante entre os agentes profissionais e os académicos, pois só partindo do conhecimento das necessidades do

mercado de trabalho se poderá traçar o perfil dos tradutores e intérpretes e as qualificações que os seus formadores devem possuir. Francisco José Magalhães, da APT – Associação Portuguesa de Tradutores, a lembrar que a dupla formação dos formadores (no âmbito da prática e da didáctica da tradução) completa-se com um ensino vocacionado para a inserção profissional dos estudantes. Jacques Pélage, da *ESIT Sorbonne – École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs de l'Université de la Sorbonne Nouvelle Paris III*, a defender a aquisição de «conhecimentos científicos pertinentes» (conhecimentos técnicos que sejam suficientes para um estudante de tradução compreender um texto técnico e que sejam, também, suficientemente gerais para serem transpostos para outras áreas científicas) numa formação organizada por grandes blocos de conhecimentos especializados, como, por exemplo, Ciências Exactas para tradutores de Engenharia. E Pedro Coral Costa, do ISLA – Instituto Superior de Línguas e Administração, a salientar os conhecimentos e as competências que se devem desenvolver nos estudantes de tradução jurídica, tais como o domínio dos conceitos e dos termos, o conhecimento das áreas básicas do Direito e as técnicas de redacção jurídica.

Relacionado com a profissão, Francisco Noronha, da Johnson Et Johnson Produtos Profissionais, defendeu duas ideias: em primeiro lugar, a do «tradutor-parceiro» do cliente/empregador, pois só assim é possível assegurar a consistência terminológica e que cada tradutor domine perfeitamente a matéria; em segundo lugar, a de que um trabalho de excelência apenas se consegue quando o profissional é bem remunerado. Dalila Rosales apresentou a visão que a *Oracle* tem de um «**TRADUTOR**»: Trabalho em equipa; Rigoroso; Capacidade crítica; capacidade de Adaptação; estUdioso; gesTor de projectos; Objectivos; e feRramentas. João Ruivo, da HCR – Informática e Traduções, L.^{da}, referiu o projecto *CATI – Controlled Authoring and Translation over the Internet* como um exemplo de linguagem controlada (terminologia normalizada, núcleo restrito de vocabulário e conjunto restrito de regras gramaticais e de estilo) aplicada à indústria, à semelhança de outras memórias de linguagem simplificada que já existem para os sectores do equipamento médico, Engenharia Mecânica e Engenharia Informática. Graça Vicente, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, falou do Projecto Tradaut-pt, chamando a atenção para os cuidados a ter na tradução automática. Anthony Pym, da Universidade de Tarragona, defendeu uma nova ética para o tradutor e/ou o redactor, a qual envolve a responsabilidade da equipa e o envolvimento em todos os processos de mediação cultural, da terminologia à gestão de projectos ou tecnologia. Fátima Castanheira, presidente da APET – Associação Portuguesa de Empresas de Tradução, referiu-se à criação de uma nova norma europeia de tradução, que deverá estar concluída no final de 2004. Por fim, Bernardo Jerosch Herold, do Instituto Superior Técnico, recordou como as traduções das grandes obras de referência feitas pelos especialistas das disciplinas, que são, geralmente, professores universitários, são importantes fontes lexicais e conceptuais para os tradutores profissionais por incluírem termos que só muito posteriormente constam dos dicionários.

A área temática eleita deste seminário foi o Direito. Isabel Feijó, presidente da APIC – Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência, falou da criação de um diploma que regulamenta as actividades do tradutor e intérprete ajuramentado como forma de resolver as condições precárias de trabalho dos tradutores e intérpretes nos tribunais portugueses. Mariana Graça Gouveia, do Ministério da Justiça, expôs que a certificação das traduções em Portugal atesta apenas o juramento do tradutor em como a tradução é fiel, e não a fidelidade da tradução em si. Por último, Victor Pereira, da APET

– Associação Portuguesa de Empresas de Tradução, mencionou a relativa ausência de uniformidade nos países europeus quanto à tradução ajuramentada.

Em suma, foi um evento que contribuiu bastante para a percepção das necessidades e perspectivas reservadas aos tradutores e aos aprendentes de tradução no nosso país, perspectivados num quadro europeu e até mesmo global. ■